

## Comunicação, Cultura e Pesquisa Empírica: O uso da História Oral em contexto étnico

Wesley Pereira Grijó<sup>1</sup>

### Resumo:

O artigo aborda a experiência de trabalho com o método da História Oral na pesquisa realizada na comunidade quilombola da Família Silva, com ênfase na recepção de telenovelas. Na pesquisa, o objetivo é verificar as apropriações dos sujeitos sobre as narrativas audiovisuais e compreender inferências feitas a partir daquele contexto. Nos trabalhos de campo, três técnicas de pesquisa foram acionadas: História de Família, Observação Participante e Entrevista Semi-Estruturada. Com a conclusão das entrevistas e do processo de transcrição e leitura flutuante, os dados foram discutidos a partir das seguintes categorias: História do quilombo, Violência, Preconceito, Cidadania, História do negro, Cotidiano, Relação com o outro, Relações de classe, Relações de gênero e Relações étnicas.

**Palavras-chave:** História Oral; Telenovela; Comunidade quilombola.

### Abstract:

This article treats of the experience of working with the method of Oral History research in the community of *quilombola da Família Silva*, with emphasis on reception of Brazilian telenovelas. In the research, the objective is to verify the appropriation of subjects in audio-visual narratives and understand inferences from that context. In the field work, three research techniques were triggered: Family History, Participant Observation and Semi-Structured Interview. With the completion of the interviews and the transcription process and initial reading, the data were discussed according to the following categories: History of the community *quilombola*, Violence, Prejudice, Citizenship, black History, Everyday Life, Relationship with others, Class relations, Gender relations and Ethnic relations.

**Keywords:** Oral History; Brazilian telenovela; Community *quilombola*.

Artigo recebido em: 23/03/2015

Aceito em: 06/05/2015

<sup>1</sup> Doutor em Comunicação e Informação pela UFRGS. Professor na Universidade Federal do Pampa. Integrante do Grupo de pesquisa Comunicação e práticas culturais; Integrante do Observatório Ibero-Americano de Ficção Televisiva (Obitel). E-mail: wgrijo@yahoo.com.br.

## Introdução

Neste artigo, expomos a experiência de trabalho com o método da História Oral em pesquisa realizada sobre recepção de telenovelas em uma comunidade quilombola no Estado do Rio Grande do Sul: o quilombo da Família Silva, primeiro desta natureza reconhecido pelo Governo Federal, cuja gênese remonta todo o processo histórico vivido pelos negros gaúchos<sup>2</sup>.

A singularidade do quilombo urbano e a relação dos moradores com a televisão *a priori* já poderia ser motivo para uma pesquisa na área da comunicação, mas observamos que outras questões entram nessa relação. No contexto mais amplo, a família Silva está situada num grupo minoritário da população gaúcha, e não desprovida dos bens de produção da economia do Estado. Ao longo da história do Rio Grande do Sul, a etnia negra foi colocada em segundo plano na formação étnica do Estado, ou seja, houve o que autores denominam de “invisibilidade do negro gaúcho” (OLIVEN, 1996). Essa contextualização é importante para pensarmos a família Silva como um “grupo socialmente marginalizado” ou “subalterno”, através da noção de Antonio Gramsci. A partir de um contexto de luta de classes na Europa, na obra *Cadernos do Cárcere*, Gramsci (2007) passou a utilizar a expressão “classes subalternas” e “grupos subalternos”, que posteriormente foi ampliado para abarcar outras realidades fora do contexto europeu.

Assim, com o uso da História Oral, trazemos para a discussão acadêmica o ponto de vista dos quilombolas, sujeitos subalternos numa cultura hegemonicamente branca, e as relações que estes mantêm com a produção midiática. Com isso, nesta abordagem sobre as apropriações e percepções dos sujeitos com as narrativas das telenovelas, tomamos como objetivo, neste momento, compreender como os membros do quilombo da Família Silva dão sentido aos textos das telenovelas e quais inferências fazem a partir de seus contextos.

## História Oral e comunidade quilombola

Historicamente, por terem sido submetidas à marginalização ou ao isolamento, as comunidades negras utilizaram a tradição oral como forma de fazer a atualização, manutenção e resistência dos saberes e conhecimentos de suas etnias. Vários trabalhos acadêmicos sobre comunidades desta natureza, quando fazem essa relação com o Campo da Comunicação, tangenciam a questão da oralidade nas comunidades como um fator importante para compreender aqueles contextos culturais. Hipoteticamente, pensamos que uma das razões para esse cenário é a falta de acesso ao sistema formal de ensino a que os membros dos quilombos foram submetidos, sendo uma questão comum tanto aos de natureza rural quanto aos urbanos, assim como a outros gru-

<sup>2</sup> Com a finalidade de respeitar o anonimato dos entrevistados, seus nomes foram trocados pelo de personagens de telenovelas. Além disso, nas falas dos entrevistados, respeitamos a forma como as frases foram construídas, sem qualquer edição ou correção gramatical nos trechos das entrevistas utilizados.

pos marginalizados da sociedade brasileira. Apesar de não focarem exclusivamente na tradição oral, várias pesquisas abordam o contexto da oralidade em comunidades quilombolas contemporânea, enfatizando as relações com os meios de comunicação.

Ao utilizarmos essa noção de oralidade como inerente às comunidades quilombolas, não fazemos isso para vinculá-las exclusivamente a um momento remoto ou pensar seu conhecimento como resquícios de um passado sedimentado, visto que nem o conceito contemporâneo de “remanescentes de quilombo” remete mais a essa ideia<sup>3</sup>. Aqui, conjecturamos que essa oralidade faz parte dos vários elementos constituintes das identidades étnicas quilombolas, mas não é um fator único e determinante de sua constituição. Nessa questão, temos um pensamento convergente com Cruikshank (2000), quando afirma que os estudos recentes sobre a tradição oral estão mais propensos focalizá-la não só na formação das narrativas como também o posicionamento dessas formas narrativas nas hierarquias de outras narrativas, o que para nosso estudo é importante, visto que consideramos as narrativas televisivas como integrantes desse cenário.

Em razão do contexto de oralidade ainda presente nas comunidades quilombolas contemporâneas, optamos por utilizar um método de investigação que fosse coerente com a utilização de dados e fontes orais na construção do conhecimento científico. Em razão disso, definimos o método da História Oral na tentativa de ser o mais eficaz para essa função. Assim, vislumbramos que: ouvindo aqueles atores sociais do quilombo da Família Silva, a partir de suas histórias, suas lembranças, “mitos”, fantasias, erros e contradições da memória, e prestando atenção às sutilezas da língua e da forma narrativa, podemos entender melhor os significados subjetivos da experiência daquelas pessoas com as telenovelas brasileiras. A escolha por esse gênero televisivo deve-se pelo fato de ser o produto audiovisual que está presente em seus cotidianos desde os primeiros anos de vida, assim como na história pessoal da maioria dos brasileiros, produzindo significados de variadas naturezas.

Concebemos ainda que, para as pesquisas envolvendo grupos sociais, o trabalho com fontes orais permite uma nova ênfase e valorização da experiência individual do sujeito. Assim como proporciona que a história dos grupos socialmente marginalizados, inseridos em contexto de hegemonia, seja evidenciada e, conseqüentemente, torne-se conhecida. Joutard (2000) considera esse compromisso como o impulsor da História Oral entre os pesquisadores sociais e aponta três atitudes relativas à adoção desse método nos estudos de cunho social: ouvir a voz dos excluídos e dos esquecidos; dar visibilidade para as realidades “indescritíveis”, e testemunhar as situações de extremo abandono.

3 Como forma de evitar equívocos nas interpretações, atualmente, o conceito mais utilizado pelas pesquisas acadêmicas para conceituar “áreas remanescentes de quilombo” é o significado defendido, a partir 1994, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) em que a entidade afirma que “constituem grupos étnicos conceitualmente definidos pela Antropologia como um tipo organizacional que confere pertencimento através de normas e meios empregados para indicar afiliação ou exclusão”. Esta definição foi pensada como forma de melhor agrupar as comunidades tradicionais negras do Brasil respeitando suas singularidades, com vista à regularização das terras ocupadas por grupos étnicos com diversas origens sócio-históricas. Em: Boletim Informativo NUER. Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas/Fundação Cultural Palmares. v. 1, nº 1, 2ª ed., Florianópolis: UFSC, 1997.p. 82.

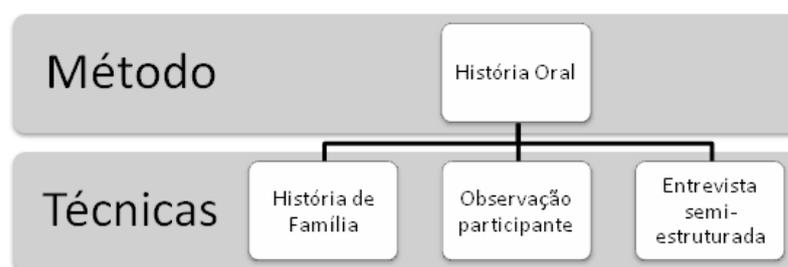
## A coleta de dados a partir da História Oral

No trabalho de campo na comunidade quilombola, seguimos as indicações de Alberti (2005) e Harres (2008) para a utilização da História Oral. Essas autoras consideram que com este método, dificilmente o pesquisador deve trabalhar com um protocolo de perguntas fixas, visto que um dos objetivos é estimular o processo de rememoração. Diante dessa questão prática, as pesquisadoras supracitadas não recomendam propriamente uma entrevista, mas uma conversa livre em que a pessoa é convidada a falar de um assunto de interesse comum. A sugestão é ter um guia ou um roteiro para apontar os assuntos a serem abordados durante a entrevista, ou seja, algo próximo à noção da técnica de entrevista semi-estruturada.

Trata-se de um trabalho de organização da “experiência vivida” que é reconstruída pelo entrevistado, e a qual o pesquisador espera poder compreender (HARRES, 2008). Segundo Thomson (2000), a entrevista é uma relação que se insere em práticas culturais particulares e que é informada por relações e sistemas de comunicação específicos. Nesse posicionamento, o autor acena que não existe uma maneira certa de entrevistar, visto que deve haver uma adequação ao contexto cultural dos sujeitos entrevistados.

Para nosso objetivo de estudo, conforme a **Figura 1**, acionamos três tipos de técnicas de pesquisa como auxiliares à História Oral: História de família (BERTAUX, 1994; GONZÁLEZ, 1995), observação participante (GUBER, 2001; OROZCO; GONZÁLEZ, 2012) e entrevista semi-estruturada (ALBERTI, 2005; ROSA; ARNOLDI, 2008). Assim, nosso entendimento por técnica de pesquisa está ligado ao uso particularizado e congruente de uma ferramenta ou um conjunto destas em relação a uma forma orientada e bem definida de produzir determinado tipo de conhecimentos (métodos).

**FIGURA 1 - Esquema representacional da estratégia metodológica da pesquisa.**



Fonte: Dados da pesquisa.

Depois de realizado o trabalho de campo<sup>4</sup>, com a aplicação das respectivas técnicas de coleta de dados, partimos para a preparação dessas informações para a fase analítica. Entretanto, sabemos que antes de chegar à análise do *corpus*, esse material

<sup>4</sup> Apesar de nossas observações exploratórias terem iniciado no segundo semestre de 2011, para a execução do protocolo metodológico definimos o segundo semestre de 2013, quando foram entrevistados dez membros da comunidade.

precisa ser organizado e categorizado segundo critérios relativamente flexíveis (no caso da pesquisa qualitativa) e previamente definidos, de acordo com o objetivo da pesquisa. Neste ponto, visando à reconstrução dos textos (tanto da emissão/produção quanto da recepção), estruturamos nosso protocolo analítico em três grandes blocos: a) transcrição e leitura flutuante desses dados; b) auxílio do software de análise de dados NVivo<sup>5</sup>; c) descrição e análise interpretativa.

A transcrição das informações obtidas através do método da História Oral se configura como todo processo envolvido na passagem da entrevista de forma oral para a escrita, compreendendo etapas como transcrição, conferência de fidelidade da transcrição e copidesque. Assim, seguimos as indicações de Duarte (2004) na preparação de entrevistas para a análise. A primeira delas diz respeito à transcrição: as entrevistas foram transcritas, logo depois de encerradas pelo próprio entrevistador. Depois, o material passou pela chamada conferência de fidedignidade: que consiste em ouvir a gravação tendo o texto transcrito em mãos, acompanhando e conferindo cada frase, mudanças de entonação, interjeições, interrupções etc. Transcrever e ler cada entrevista realizada, antes de partir para a etapa seguinte ajuda a corrigir erros, a evitar respostas induzidas e a reavaliar os rumos da investigação (ALBERTI, 1990). Na pesquisa em questão, foram transcritas todas as fontes orais (dez entrevistas), além das informações oriundas da Observação Participante e das fotografias.

Diante dessa coleta de informações para traçar um perfil dos entrevistados, focando na história da família Silva e, por consequência, em toda trajetória do quilombo urbano, percebemos algumas temáticas constantes nas falas das pessoas ouvidas. Evidentemente, a temática *História do quilombo* apareceu com maior frequência, uma vez que foi tensionada durante a conversa com os membros dos Silva. Contudo, outras temáticas mostraram-se constantes, como: *Violência*, por conta dos vários casos de abuso de autoridade de policiais da Brigada Militar, inclusive, com casos de espancamento, e a forma como foram realizadas as tentativas de despejo; *Preconceito*, devido às citações dos vários casos de discriminação que pessoas da comunidade foram vítimas, tanto de ordem racial quanto social; *Cidadania*, por conta das menções ao que mudou em suas vidas após o reconhecimento como comunidade quilombola; *História do negro*, pelas menções ao passado dessa etnia no estado e no país. *Cotidiano*, pelas referências as suas rotinas e atividades diárias como trabalho, lazer, etc.; *Relação com o outro*, visto que citam o relacionamento nem sempre amistoso com parte da vizinhança e com as pessoas que lhes discriminam, numa relação de alteridade a quem denominam de “o vizinho”, “o branco”, “o burguês”.

Além dessas temáticas acima citadas, percebemos a constância daquelas que já havíamos verificado anteriormente em uma pesquisa exploratória: *Relações de classe*, *Relações de gênero* e *Relações étnicas*. Entretanto, entendemos que elas nem

5 Software de pesquisa qualitativa. Os Computer assisted qualitative data analysis software (CAQDAS), como são denominados os programas com essa função, possibilitam ao pesquisador ferramentas e aplicações que permitem o cruzamento de dados de maneira interativa e intuitiva.

sempre aparecem tão explícitas nas falas das pessoas, assim como sofrem intersecção com outras temáticas com ideias próximas.

Mesmo assim, concebemos que elas emergem no discurso dos entrevistados, quando relatam suas histórias de vida e da sua família. As *Relações de classe*, por conta de toda oposição que eles levantaram sobre o fato de serem discriminados por serem “pobres” residindo em bairro de “ricos”, “burgueses”, considerados como seus algozes; *Relações de gênero*, pela autonomia das pessoas do sexo feminino na comunidade, responsáveis por grandes lutas e sempre enfatizadas nas falas dos entrevistados; *Relações étnicas*, ligada a questões da negritude e de todo processo de etnogênese (BANTON, 1977)<sup>6</sup>, possivelmente a temática mais difundida entre as demais por estar sempre atrelada às outras: *História do quilombo*, *Violência*, *Preconceito*, *Cidadania*, *Relações com o outro*, *História do negro* e *Cotidiano*, assim como com *Relações de gênero* e *Relações de classe*. Evidentemente, a temática *Relações étnicas* tem a primazia no que tange a sua articulação com outras temáticas, pois essa questão se mostra mais constante, conforme fica explícito ao decorrer deste estudo.

O procedimento serviu primordialmente para que as temáticas mais latentes pudessem ser devidamente observadas pelo pesquisador para posterior sistematização analítica e verificação destas na fala dos entrevistados quando tensionados a respeito da narrativa das telenovelas brasileiras.

## As telenovelas e a realidade dos quilombolas

Neste momento, realizamos um demonstrativo dos dados coletados no trabalho de campo no que concerne o contato dos quilombolas com a televisão ao longo dos anos. Na comunidade da família Silva, antes mesmo da energia elétrica ser instalada, já havia a presença desse meio de comunicação, conforme evidenciado na lembrança dos entrevistados. Assistir à programação televisiva é um hábito realizado em conjunto com vários membros da família ao longo das décadas. Além disso, assim como ocorre com os jornais, revistas e Internet, as pessoas também têm contato com a televisão em seus locais de trabalho.

Inclusive, conforme o depoimento de algumas pessoas, o interesse em adquirir TV por assinatura para suas casas foi suscitado pelo que assistiam nas residências de seus empregadores. Entretanto, nossas observações em campo se restringem ao momento em que assistem à televisão na comunidade. Dessa forma, indicamos que o ato de assistir à televisão é a principal forma de entretenimento cotidiano da família Silva. Essa informação converge com as conclusões de uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Opinião, Pesquisa e Estatística (Ibope)<sup>7</sup>, em nível nacional, segundo a qual a TV preenche os espaços ociosos da classe C mais que qualquer outra atividade.

<sup>6</sup> No recentes estudos antropológicos, os pesquisadores consideram que a etnogênese refere-se ao dinamismo inerente aos agrupamentos étnicos, cujas lógicas sociais revelam uma plasticidade e uma capacidade adaptativa que nem sempre foram reconhecidas pela análise antropológica. (BARTOLOMÉ, 2006)

<sup>7</sup> [http://www4.ibope.com.br/download/Classe\\_C.pdf](http://www4.ibope.com.br/download/Classe_C.pdf). Acesso em 23/03/2015.

Por conta desse contexto específico, as *Relações étnicas*, que consideramos relativa às questões da negritude e de todo processo de etnogênese, é aquela que apresenta maior importância na fala das pessoas, não apenas quando relatam a história da comunidade e suas histórias, mas também quando se referem ao conteúdo das telenovelas: a forma como os negros são representados nas telenovelas, sua relação com os brancos, sua história, etc. E isto pode ser observado num trecho da fala de um membro da família:

[O que acha dos negros nas telenovelas?] Tem muito poucos. [Cita uns que lembra então.] Tem Taís Araújo, Lázaro Ramos... São tão poucos que nem to conseguindo. Têm outros que não lembro o nome... Camila Pitanga. [Por que acha que têm poucos?] Eu acho que existe racismo, sabe. E eles também não dão oportunidade pros negros, né. Apesar de não ter estudos, tem vários negros que não tem estudos. Eu acho que não dão oportunidade. [E por que acha que isso ocorre: muito negro na vida real e poucos na TV?] Porque eles não têm oportunidade também e pouco estudo, porque acho que negro também não tem. [Estudo influencia muito?] Não, também não né, porque seu sei que tem ator negro que não tem estudo. Acho que os atores negros que tem lá basicamente foram ajudados. [Mas quando ela faz a “empreguete”, muita gente disse que mais uma vez era negro como empregado. O que acha?] Eu acho que, na verdade, não só a Globo, mas em todas as emissoras de TV, eles só dão oportunidade pra negros fazerem esses papel. Eu lembro, não sei se a Zezé Motta, que é um negra senhora também já de idade, que disse que não sei porque a Globo só dá papel pra ela fazer de faxineira, ou limpando a casa, ou batendo panela e tudo mais. Eu não sei... E sei que é sei lá, porque ela é bem negra, por isso. [Mas já teve novela com negro como protagonista.] Tem, mas foi poucas. Lembro poucas. A Taís Araújo também, em *Viver a Vida* (Rede Globo, 2009) que ela foi protagonista. [O que achou dela como protagonista?] Ah, foi um orgulho né. Apesar de ser pouca novela, foi um orgulho. Até minha patroa - minha patroa é super legal - disse: “Nossa, que legal ela, representando os negros, que eu nunca vi”. Eu fiquei chocada dela falando isso. O negro fazendo protagonista de uma novela. Mas são poucos, são poucas oportunidades. (Sônia da Silva, 21 anos)<sup>8</sup>.

Contudo, a conjuntura de grupo quilombola está atrelada a questões relativas a sua formação – ao processo de etnogênese -; ao fato de ser um grupo negro e desprovido de recursos econômicos, cercado por pessoas ricas e fenotipicamente brancas; aos vários casos de violência e preconceito racial e social, etc. Por isso, ligadas às *Relações étnicas*, aparecem outras categorias com suas motivações específicas e que emergem no discurso dos entrevistados sobre as telenovelas.

Entre elas, as *Relações de classe*, cujas menções dizem respeito ao entorno do território do quilombo, cercado por pessoas ricas, para as quais muitos trabalham como empregados domésticos; quando esta categoria aparece nas falas a respeito das telenovelas, está ligada à crítica àquelas histórias em que os negros são mostrados apenas como empregados, principalmente, dos personagens brancos. Apesar de saberem que essa representação também ocorre na vida real, eles condenam o fato das emissoras insistirem nessa abordagem e retratarem escassamente os casos que fogem a essa regra.

<sup>8</sup> Os trechos das falas dos sujeitos serão literais e os nomes fictícios são utilizados para manter o sigilo de suas identidades, seguindo as normas pré-estabelecidas com o Comitê de Ética da UFRGS. Nas citações estão colocadas as perguntas de pesquisa como forma de melhor reconstruir do diálogo e facilitar o entendimento do leitor.

[...] O das “empreguetes”<sup>9</sup>... Que tu pode dar a volta por cima. Tu pode ser uma empregada doméstica e dá a volta por cima. Ter um talento ou uma coisa assim. Ou tu tá trabalhando como empregada doméstica, pode estudar e dá a volta por cima e tudo mais. [*Outro personagem que lembra?*] Não, ela é um exemplo pras pessoas negras que tão recém começando a carreira que o preconceito não existe, mas eu sei que existe. Acho que é isso. Ela tá mostrando. (Sônia da Silva, 21 anos)

[*Lembra de algum personagem que era um negro rico?*] Esse personagem, que é marido da Tais Araújo... Ele era empresário, ele tinha uma agência, parece que era. [*O que ele fazia?*] Ele era tipo um magnata, né? Ele tinha o apartamento todo chique lá. E as outras que ficavam meio assim de chegar perto dele<sup>10</sup>. [*Quem eram as outras?*] As outras pessoas. [...] [*Quando mostra negros assim, acha que está mostrando a realidade?*] Sim, lá onde trabalho é um condomínio assim [aponta para os vizinhos], tem poucos negros mas tem. E a guriuzinha dele estuda aqui no Colégio Anchieta<sup>11</sup>. (Rose da Silva, 39 anos)

O contexto étnico citadino é ligado ainda com a *Violência*, uma vez que muitos membros dos Silva foram vítimas de agressão de policiais, estimulada pelo preconceito racial e social ao qual padeceram antes do reconhecimento como quilombolas. Essa questão é relacionada, principalmente, nas telenovelas de cunho histórico quando as tramas mostram negros violentados pelos “capitães-do-mato”, representantes dos poderosos, e não podem reagir; eles associam essa categoria às agressões que sofriam dos policiais militares, que os acusavam de praticar roubos e furtos nas residências vizinhas, tendo como prova apenas o fato de serem negros e pobres.

Eu lembro daquela novela que tinha os escravos que eles colocavam na pedra, que apanhavam. Passava às seis horas. Lembro que eles trancavam os negros nas pedras e batiam. A mesma coisa que os policiais faziam, a gente não podia falar nada. Tinha que ficar quieto. Eu acho horrível. Eu acho que eles batiam, os policiais, porque a gente é negro. (Helena da Silva, 28 anos)

[A telenovela] Influencia também a criança a roubar, a matar. As novelas fazem isso, mas termina com final feliz e na vida real não termina assim. Na novela, a criança chega matando e tudo mais e no final da novela tudo feliz. No final da novela a criança tá lá ou com uma família que adotou e na vida real não é assim. (Sônia da Silva, 21 anos)

Junto disso, há alusões aos casos de discriminação de que foram vítimas devido à pigmentação de suas peles e não pertencerem às camadas economicamente mais ricas, ou seja, o *Preconceito*, motivado por questões tanto de ordem racial quanto social. Quando mencionada a partir da telenovela, essa categoria é relacionada ao fato de não haver uma equidade de tratamento entre negros e brancos assim como ocorre na vida real, tanto nas tramas históricas, como também naquelas que retratam a sociedade contemporânea. Além disso, conforme o depoimento de uma das entrevistadas, o preconceito nas tramas por mais que seja mostrado é “camuflado”, termo utilizado por ela para dizer como as produções abordam a questão, mas não de forma tão veemente como ocorre na realidade.

9 Referência ao trio de protagonistas da telenovela *Cheias de Charme* (Rede Globo, 2012).

10 Referência ao personagem André Gurgel (Lázaro Ramos) na telenovela *Insensato Coração* (Rede Globo, 2011).

11 Colégio vizinho ao quilombo, frequentado por filhos das classes abastadas porto-alegrenses.

Essa novela que não lembro o nome. Tinha senzala. [Sinhá Moça?] Essa mesma! [O que mais tinha nela?] No fim, ele o dono da casa mesmo, ele não queria que a filha dele, no caso uma branca que se apaixonou por um negro... E ele não queria que o negro ficasse com a filha dele porque ele era negro de senzala e a filha dele era branca. No fim eles fugiram, ficaram juntos e ele não pode fazer nada. Tiveram filho tudo junto. [Já soube de caso assim?] Conheço, uma branca filha de rico se apaixonou por um negro. Hoje, a gente se fala, a gente não se falava antes, agora a gente se dá tri bem. Ela estuda nesse colégio Monteiro Lobato<sup>12</sup> e ele estuda no colégio de pobre ao lado. Quando ela passava ele dizia: “Ah, ela é muito bonita”. E as pessoas falavam: “Vocês nunca vão ficar juntos”. E eu perguntava: “Por que que eles não vão ficar? Por que ele é preto, ela é branca?; ela tem dinheiro e ele não tem?”. E hoje eles estão juntos. E eles passavam todo dia um pelo outro. [Parece coisa de novela?] Parece coisa de novela. Por causa que amor era proibido pelos pais deles, mas ela tava apaixonada, gostou dele; ele gosto dela, ficaram juntos. (Rita de Cássia da Silva, 21 anos)<sup>13</sup>

A essas categorias mais frequentes estão atreladas outras de grande importância para aquele contexto. Num ambiente onde a figura feminina exerce forte liderança, apesar de estar inserida numa cultura machista, há as *Relações de gênero* quando utilizam as narrativas para criticar o fato de homens negros bem sucedidos apenas se envolverem com mulheres brancas. Ao mesmo tempo, há quem se identifique com as personagens que buscam casamento com alguém de outra classe social para mudar de vida. Na mesma linha entre *Relações de gênero* e *Relações de classe*, Isabel da Silva se identifica com a personagem Valdirene (Tatá Werneck), da telenovela *Amor à Vida* (REDE GLOBO, 2013), que sonha em conhecer um homem rico e assim mudar de vida: “Ela tá atrás de homem rico, ela quer homem rico. [Isso é comum?] Ela é pobre e quer homem rico. E quer arrumar homem rico. [Já viu algo assim?] Sim, eu também queria um homem rico pra mim.” (Isabel da Silva, 28 anos).

A *História do Quilombo* ligada à trajetória da própria comunidade é lembrada nas tramas em que negros lutam por seus direitos, suas liberdades, ao mesmo tempo em que são alvo de violência e preconceito dos poderosos. Uma atitude similar de associação é feita com a *História do negro*. Contudo, esta é conectada à lembrança de subalternização do negro ao logo da formação do Brasil e do Rio Grande do Sul, o que leva muitos entrevistados a não verem um lado positivo nas narrativas que abordam a violência a qual as pessoas dessa etnia foram vítimas no passado como cativos.

Nunca deram oportunidade de fazer uma novela com história parecida com a minha. [Já viste algo parecido com tua comunidade?] Acho que foi a novela das nove, tinha várias pessoas, várias famílias morando assim. Foi a novela das nove que acabou, que várias pessoas sabiam da vida dos outros, tudo que um fazia. Foi nessa novela que acabou, que tinha a Bruna Marquezine também<sup>14</sup>. [Salve Jorge?] Sim, várias pessoas morando junto e fofoca rolando. Porque família rolando junto é assim. Eu se tivesse, se tivesse não porque to juntando

12 Colégio situada em bairro vizinho ao quilombo, frequentado por filhos das classes abastadas porto-alegrenses.

13 Cabe ressaltar um equívoco da entrevistada em relação aos personagens da telenovela citada. Apesar de mencionar que o romance era entre uma garota branca e rica com um escravo, na trama de *Sinhá Moça* (Rede Globo, 2006), a história de relacionamento interracial proibido era entre o filho de escravocrata José Coutinho (Eduardo Pires) com a escrava Adelaide (Lucy Ramos).

14 Referências à telenovela *Salve Jorge* (REDE GLOBO, 2013).

uma grana, eu não queria morar aqui, não. Não dá. Muito conflito, muita fofoca, intriga, não dá. (Sônia da Silva, 21 anos)

Eu já vi, mas não lembro em qual novela foi. Agora última novela das seis, a *Flor do Caribe* (Rede Globo, 2013), que era o velho da cadeira de roda, que mandou o motorista embora, porque o motorista falou umas verdades pra ele e ele pegou e não gostou e falou um monte de coisa, que ele era negro, que era isso. Aí, nessa *Flor do Caribe*, que... Entendeu? Então eles mostram a realidade, mas bem pouquinho e aí eles tiram fora do ar. Eu acredito assim, meu, no Brasil existe preconceito escondido, meio escondido, mas existe. Por que o negro é mal visto. Vamos supor... Vamos voltar muitos e muitos anos atrás, por que os brancos no tempo dos fazendeiros diziam pros negros que manga com leite mata? Sabe? Pra eles não tomar o leite, que eles comiam a manga, não tinha nada pra comer. O que que eles comiam antigamente? Era tripa de porco... A melhor parte eles comiam e os malandros achando que tava pensando no lucro e não era. Aí, eles inventaram essa história que manga com leite mata. Isso é uma das mentiras mais deslavadas. (Evilásio da Silva, 42 anos)

A *Cidadania*, no que concerne à percepção de que o negro não é respeitado em uma sociedade que deveria ser igualitária, retratada nas telenovelas na forma depreciativa e submissa como as pessoas são mostradas para a audiência.

A novela que estou assistindo por último, eu gostava, gosto de assistir é a *Malhção* (REDE GLOBO, temporada 2013) que é sobre adolescência, porque tenho minha guria mais nova, a mais velha já casou. Porque é um tipo de educação que eles ensinam ali, né. Educam as crianças, o que tu tem que fazer, o que tu não tem que fazer. E é uma cultura também que é pra gente, né? Assim, ao mesmo tempo que a gente tá assistindo, a gente vai ensinar pros filhos da gente. [pausa: celular toca] E vou aprendendo também como conviver com o pessoal, não vou ser um troglodita daqueles dos tempos das pedras, de tudo a pau. A gente tá aprendendo ali o dia-a-dia deles, entendeu? (Evilásio da Silva, 42 anos)

Ah, sim, não sei se foi *Laços de Família* (Rede Globo, 2000), que aquela menina tava com leucemia, que ela raspou o cabelo e tudo. Aquela chamou muita atenção. [Por quê?] Pra mostrar que não se tá tendo muito acompanhamento na saúde. Porque chega as pessoas né é tanta... Tanta dificuldade pra conseguir um tratamento, uma coisa. Então essa novela chamou atenção. (Preta da Silva, 47 anos)

O *Cotidiano*, pelas referências feitas às telenovelas baseadas em suas vivências diárias, em suas experiências pessoais, como a identificação com personagens com alguma deficiência que são impedidos de manter uma vida normal devido à superproteção dos parentes; ou ao fato das telenovelas mostrarem situações que lembram a relação conturbada com padrões que desvalorizam seu trabalho.

Tem muita gente que dá o valor que o negro precisa, mas têm outros que querem pisar em cima do negro [Tipo?] Querem esculachar o negro. Têm muitos que dão o valor. Têm outros que não. Têm outros que querem que tratam igual empregado. Têm muitas dessas faxineiras negras que a dona da mansão passa o dedo pra ver se tem sujeira. [Sabe de algum caso?] Já. Ela [amiga] tava limpando a casa. Ela fez dentro do prazo que ela tinha pra entregar. Mas a faxina era muito grande. Aí, a dona passou o dedo assim pra ver se tinha poeira. (Rita de Cássia da Silva, 21 anos)

Por fim, a categoria *Relações com o outro*, gerada devido a toda dicotomia entre os moradores do quilombo e os vizinhos, numa relação pouco amistosa em muitos momentos. Esse encontro de mundos distintos convivendo lado a lado está alicerçado num fenômeno de alteridade gerado pelo abismo social existente entre os dois grupos, que os coloca em lados opostos. Para denominar esse “outro”, os quilombolas se valem de denominações do tipo: “branco”, “burguês”, etc. Estas mesmas qualificações estão presentes quando se referem às telenovelas e citam aqueles que nas narrativas ganham maior destaque em detrimento dos personagens negros e suas histórias. Muito vinculada à categoria *Relações de classe*, serve para eles exemplificarem como ocorre o processo de subalternização dos negros nas narrativas, com menções que podem ser sintetizadas em: “o negro está sempre como empregado dos brancos”. Nesse mesmo sentido, há depoimento que ilustra uma forma de representação que gostariam de ver do “outro” nas telenovelas: “Que botasse o branco pra limpar chão; negro dono de uma mansão, de uma casa.” (Rita de Cássia da Silva, 21 anos)

Diante disso, indicamos que, na recepção das telenovelas, as mediações imbricadas nesse processo protagonizado pelos membros do quilombo da família Silva se apropriam das narrativas principalmente por meio das singularidades inerentes ao contexto ao qual estão inseridos. Ou seja, a singularidade nesse cenário são as categorias emergidas nas falas dos quilombolas; não necessariamente as categorias concebidas de forma independente, pois poderiam estar presentes em outras comunidades, inclusive aquelas sem a agenda da identidade quilombola. O singular, neste caso, está na forma como verificamos a estruturação das categorias no discurso dos entrevistados. Nesse sentido, o que denominamos de “mediações quilombolas” estão estruturadas primeiramente a partir das *Relações étnicas*, a partir da qual as categorias secundárias são estruturadas: *Relações de classe*, *Violência* e *Preconceito*. E estas atreladas a categorias terciárias: *Relações de gênero*, *História do quilombo*, *História do negro*, *Cidadania*, *Cotidiano* e *Relações com o outro*.

## Considerações finais

Como forma de termos subsídios para enfrentar os percursos na construção desta pesquisa com interface nos campos da Comunicação e da Cultura, procuramos manter o diálogo com os estudos históricos e antropológicos, assimilando dessas áreas o conhecimento necessário para complementar esta investigação, o que nos levou a fazer escolhas e recortes nem sempre concebidos como consenso dentro dos Campos de Conhecimentos mencionados, mas fruto de nossas seleções, baseadas no cruzamento da leitura de determinados autores, tentando respeitar, na medida do possível, os conhecimentos já sedimentados nessas áreas com as quais mantivemos diálogo.

Convém ressaltar a importância da utilização do método da História Oral, auxiliado por técnicas de pesquisa como História de Família, Observação Participante e Entrevistas Semi-estruturadas, para a coleta das informações necessárias a este estudo. Damos preferência a um método que respeitasse o contexto das pessoas e levasse em consideração suas experiências de vida. Atribuímos grande importância à história contada a partir de seus pontos de vista, suas impressões e versões.

Spivak (2010) já questionava o poder de fala dos grupos subalternos na sociedade capitalista, nosso estudo empírico não se propõe entrar no mérito filosófico da possibilidade de fala daqueles que vivem à margem do poder, mas já foi concebido para valorizar a fala de pessoas subalternizadas numa sociedade com disparidades de várias ordens, e que tem nesses grupos grandes fontes para compreender a realidade brasileira.

Na construção de nossa pesquisa até a discussão de seus resultados, os conhecimentos oriundos de outros estudos se mostraram essenciais para a compreensão do contexto étnico ao qual a família Silva pertence, traçando todo o percurso da etnicidade negra gaúcha até desembocar no processo de etnogênese ativado pelo grupo familiar para garantir os direitos sobre o território ocupado por seus antepassados e suas relações com a produção midiática. Conhecer como se deu esse processo foi crucial para o entendimento da configuração da identidade quilombola de um grupo étnico urbano, cuja questão foi tensionada a partir do momento em que sentiram a necessidade de lutar por seus direitos e se proteger daqueles que se colocavam como seus algozes, cujas raízes remontam à própria formação do Brasil meridional.

Com isso, a História Oral nos permitiu compreender os traços culturais da comunidade, alicerçados nas práticas, vivências e experiências, o que converge com os pressupostos dos estudos culturais de pensar a esfera cultural a partir das relações e práticas empiricamente vividas na sociedade. Ou seja, para a família Silva vale a premissa de cultura enquanto um processo vivido de conhecimentos e práticas comuns, que envolve os atores sociais em uma comunidade.

## Referências bibliográficas

ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Instituto de Documentação, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ALBERTI, V. **Tratamento das entrevistas de história oral no CPDOC**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005.

BANTON, M. **A Ideia de Raça**. São Paulo. Edições 70/ Martins Fontes, 1977.

BARTOLOMÉ, M. A. As etnogêneses: velhos atores e novos papéis no cenário cultural e político. **Mana**, vol.12 no.1 Rio de Janeiro, p. 39-68. Abr. 2006.

BERTAUX, D. Genealogías sociales comentadas y comparadas. Una propuesta metodológica. Traducción de Jorge A. González. **Estudios sobre las Culturas Contemporáneas**, Colima, México, v. 6, n. 16-17, p. 333-349, 1994.

CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da história oral**. Rio, Editora FGV, 2000.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225. Editora UFPR, 2004.

GONZÁLEZ, J. A. Y todo queda entre familia. Estrategias, objeto y método para historias de familia. In: Estudios sobre las culturas contemporáneas. Época II, vol. i, N 1, Colima, junho, p. 135-154, 1995.

GRAMSCI, A. **Quaderni del Carcere**. Torino: Einaudi, 2007.

GUBER, R. **La etnografía: método, campo y reflexividad**. Editorial Norma, 2001.

HARRES, M. M. História oral: algumas questões básicas. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 99-112, dez. 2008.

JOUTARD, P. Desafios à História Oral do Século XXI. In: ALBERTI, V. et al. (Orgs.). **História Oral: desafios do século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz /CPDOC – FGV, p. 31-45, 2000.

OLIVEN, R. G. A invisibilidade social e simbólica do negro no Rio Grande do Sul. In: LEITE, I. B. (Org). **Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

OROZCO, G.; GONZÁLEZ, R. **Una coartada metodológica**. Abordajes cualitativos en la investigación en comunicación, medios y audiencias. México: Editorial Tintable, 2012.

ROSA, M. V. F. P.; ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

THOMSON, A. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. In: ALBERTI, V. et al. (Orgs.). **História Oral: desafios do século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz /CPDOC – FGV, p. 47 – 65, 2000.